

PAULA FOX

# A Costa Oeste

*Tradução*

Sonia Moreira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1972 by Paula Fox  
Copyright da introdução © 2001 by Frederick Busch  
Copyright do prefácio © Espólio de Frederick Busch, sob os cuidados de Markson  
Thoma Literary Agency

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou  
em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Western Coast

*Capa*  
Rita da Costa Aguiar

*Foto de capa*  
© Christian Schmidt/ Corbis (DC)/ LatinStock

*Preparação*  
Leny Cordeiro

*Revisão*  
Isabel Jorge Cury  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fox, Paula  
A Costa Oeste / Paula Fox ; tradução Sonia Moreira. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2010.

Título original: The Western Coast  
ISBN 978-85-359-1679-9

1. Romance norte-americano I. Título.

---

10-04857

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

*...nossa existência é, a todo instante e primordialmente, a  
consciência do que nos é possível.*

Ortega y Gasset

# Sumário

Introdução

O preço que se paga — *Frederick Busch*, 11

PARTE UM

A convenção, 17

PARTE DOIS

Reuniões, 215

PARTE UM  
A CONVENÇÃO

## 1.

Mesmo nas tardes mais geladas do inverno de 1939, um homem sem casaco nem chapéu marchava até o alto da rampa do Claremont Inn, parava ali pelos instantes que lhe eram necessários para se pôr ereto e bater continência para o velho edifício, depois seguia em direção ao túmulo do general Grant. Muitas vezes o vento soprava forte do rio Hudson e levantava os grãos de neve soltos de cima de uma crosta cinzenta que encolhia e endurecia a cada dia, como se corroesse o chão debaixo dela. Na claridade do inverno, o homem, com a camisa solta a se encapelar em volta de sua cintura e peito ossudo, parecia emitir uma pálida luz própria.

Para a maioria dos estudantes hospedados no pensionato internacional do outro lado da rua, o homem era um objeto fortuito naquela paisagem glacial. Os residentes mais antigos raramente prestavam atenção nele enquanto fuçavam os periódicos na sala de leitura e de visitas, cujas janelas davam para o Riverside Drive. Novos estudantes ou seus convidados, tendo ouvido falar no andarilho excêntrico e quase nu, ou avistando-o por acaso quando entravam da rua às pressas para fugir do frio, para-

vam em frente às janelas e ficavam especulando sobre as circunstâncias do homem e sua aflitiva e estranha aparência.

O que será que ele tanto falava com seus botões? Seus lábios não paravam um instante de se mexer, numa fala muda. Volta e meia ele esticava os braços para a frente e começava a girar lentamente, depois tombava para um lado feito um pião perdendo o impulso, até que por fim se endireitava e ficava parado, de frente para os penhascos escuros do outro lado do rio.

Se alguém ria do homem, geralmente era um suíço que tinha acabado de voltar de suas aulas do curso de hotelaria na Universidade Columbia, que ficava a alguns quarteirões do pensionato. “Não ria!”, dizia, ríspido, um estudante espanhol, só para acrescentar logo depois algum comentário irônico de sua própria autoria a respeito do enigmático ritual do homem.

No dia seguinte ao Natal, um japonês abriu a porta da sala de leitura e, vendo dois chineses jogando xadrez num canto, retirou-se abruptamente. Alguém riu. Mehta, um dos indianos de Nova Délhi, que estava vendo pela janela o homem bater continência para o Claremont Inn, virou-se e comentou, dirigindo-se à sala como um todo: “Foi gás fosgênio, na certa. Eu li sobre a guerra de vocês... li muito”.

Walter Vogel, um ator desempregado desde que o Federal Theater Project\* terminara alguns meses antes, odiava o indiano, que uma vez lhe dissera, sorrindo: “Walter, você é que nem uma cobra que come os ovos dos passarinhos”, referindo-se à maneira como Walter caçava garotas na cafeteria do pensionato.

“Ah, a Índia...”, disse Walter, abrindo o seu *Daily Worker* na cara de Mehta. Ele detestava todos os indianos, com seu inglês

\* Parte da série de programas do New Deal, o Federal Theater Project (1935-39) tinha por objetivo patrocinar montagens teatrais e outros espetáculos artísticos durante a Grande Depressão. (N. T.)

de empréstimo e suas mulheres que tinham, ele imaginava, a mesma aparência estando de pé ou deitadas.

“Fosgênio ou cloro”, continuou Mehta, agora se dirigindo a um amigo indiano. “Eles usaram isso em Ypres, os alemães. Mas os *aliados*, como eram chamados”, o amigo sorriu, “descobriram que a máscara antigás era relativamente eficaz e, *naturalmente*, decidiram usar gás também. Os franceses usaram granadas de gás. Interessante, você não acha?”

“O Ocidente é muito criativo”, disse o amigo de Mehta. “Na Índia, claro, nós não somos tão avançados.”

“Que nobre da sua parte”, disse Hannibal Salazar. “Você não acha a Índia nobre, Walter?”

Walter se sentou sem responder e continuou a ler seu jornal. Hannibal olhou na direção da janela diante da qual a garota que Walter havia trazido estava parada, ainda olhando para o lado de fora, e foi para perto dela.

“Uma vida jogada fora”, Hannibal disse em voz baixa. “Aquele homem...”

“Como é que ele aguenta?”, a garota perguntou, o rosto quase encostado na vidraça. “O frio... está frio até aqui dentro.”

“O vento é sempre terrível nesta área”, disse Hannibal. “Mas, na loucura dele, talvez ele não sinta frio. Eu sofro muito com esse clima horrível.” Abaixou a cabeça, olhando para seu próprio corpo, que era baixo e rechonchudo. “Talvez seja por isso que existe tanta gente bruta neste país, por causa deste clima.”

“Eu vou pra Califórnia amanhã”, disse ela. “Lá é quente.” Depois, acompanhando com seu olhar atento a corrida trôpega do homem de volta ao Riverside Drive, ela disse: “Ah, não é possível que ele não sinta frio!”. Em poucos instantes o homem desapareceu de vista no anoitecer de início de dezembro.

Hannibal pôs a mão no braço dela. “Vem. Está frio demais aqui. Qual é o seu nome? Foi muita grosseria do Walter não nos apresentar.”



“Annie”, ela respondeu, ainda se esforçando para enxergar o homem. “Será que ele tem pra onde ir? A cabeça dele parecia completamente raspada. Será que não tem ninguém que cuide dele?”

Walter tinha se juntado a eles, com o jornal novamente dobrado e preso debaixo do braço. Hannibal olhou para ele, depois para a garota. Ela era jovem, como todas as namoradas de Walter. Suas roupas eram muito surradas. Ah, como ele gostaria de beijar o seu pescoço jovem! Mas ele só conseguia fazer as garotas rirem. Elas gostavam das suas piadas e, quando riam, no meio da gargalhada delas ele podia tocar em seus braços, suas mãos, seus cabelos, e elas deixavam que ele o fizesse, ele supunha, como retribuição.

“Ninguém cuida de ninguém”, disse Walter. “Faz parte da doença da sociedade capitalista.”

“Mas será que ninguém pode dar um casaco pra ele?”, Annie perguntou.

“Vem, meu bem. Sai dessa janela. Se você acha que *ele* está mal, você devia ver os cacos humanos internados nos hospitais de veteranos.”

“Isso”, disse Hannibal, esfregando as mãos gordas e limpas uma na outra. “Vamos sair daqui e tomar um café naquela cafeteria nojenta. Eu tenho uma história fenomenal pra te contar, Walter, sobre o Alberto e as duas namoradas chinesas dele...”

“Não”, disse Walter. “Eu quero conversar com você sobre o Comitê de Refugiados Espanhóis.”

“Eu não vou conversar sobre comitê nenhum”, disse Hannibal. “Amanhã talvez. Hoje não.”

Os indianos tinham ido embora. Os jogadores de xadrez estavam debruçados sobre o tabuleiro, no qual só restavam o rei e um peão pretos e o rei branco e seus dois bispos.

Quando Walter começou a andar em direção à porta, ela se abriu e um rapaz de dezesseis ou dezessete anos entrou na sala e

foi para perto do piano de cauda, desviando o olhar quando os dois homens e a garota passaram por ele. Walter olhou de soslaio para o garoto, com leve desdém. Quando viu que Annie tinha parado para observar o rapaz, Walter segurou o braço dela com as duas mãos e a sacudiu. “Para de ficar olhando para as pessoas!”, bradou. “Para de sonhar!”

Hannibal passou a mão no cabelo de Annie e soltou um suspiro. “Como é que você aguenta um grosseirão desses, hein?”, perguntou, e riu para disfarçar o insulto.

Quando a porta se fechou, o garoto sentou na banquetta do piano e começou a tocar os acordes iniciais de “La cathédrale engloutie”. Tocava as teclas levemente, inclinando-se para bem perto de suas mãos, como se temesse atrair a atenção dos silenciosos jogadores de xadrez no canto da sala.